



Artigos Originais

## A vulnerabilidade ocupacional do idoso no meio rural

*Work vulnerability of the elderly in rural areas*

Lucimare Ferraz<sup>1-2</sup>  
Jessica Alves<sup>2</sup>  
Fatima Ferretti<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Comunitária da Região de Chapecó-Unochapeco

<sup>2</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina-Udesc

**Resumo:** No meio rural, grande parte da população de idade avançada permanece trabalhando. Diante disso, este estudo teve por objetivo conhecer os fatores de vulnerabilidade que permeia o mundo do trabalho dos idosos agricultores, identificando o processo de trabalho e os seus riscos ocupacionais. Trata-se de um estudo qualitativo com caráter exploratório, sendo que os sujeitos da pesquisa são idosos agricultores cidade de Arroio Trinta/SC, com idade superior a 70 anos, do sexo masculino, que são atuantes e responsáveis por suas atividades laborais de sua propriedade. A coleta das informações ocorreu por meio entrevista e registro de imagens através de fotografias do local de trabalho. Os resultados encontrados evidenciam que os idosos estão expostos a inúmeros riscos laborais e com fragilidade de autocuidado. Através do presente estudo concluiu-se que os idosos trabalhadores rurais se encontram vulneráveis a agravos à saúde, necessitando que essa realidade seja mais visível, instigando os setores responsáveis pela sua proteção e cuidado.

**Palavras-chave:** idoso; trabalhador; vulnerabilidade.; população rural.

**Abstract:** In rural areas, the majority of the elderly population keeps on working. Having this in mind, this study aimed at finding out the vulnerability factors that are involved in the world of elderly farmers, identifying the work process and its occupational risks. This is a qualitative and exploratory study. The participants of this study are elderly farmers, from Arroio Trinta City, Santa Catarina State, aged over 70 years, who are male and active workers responsible for working activities on their farms. Data was collected through interviews and photographs taken in the workplace. The results showed that the elderly are exposed to many occupational risks and also the fragility of self-care. By carrying out this study, it was concluded that rural elderly workers are vulnerable to health problems and that this reality needs more attention, prompting actions from the sectors which are responsible for their protection and care.

**Keywords:** the elderly; worker; vulnerability; rural population.

## 1. Introdução

O fato mais marcante para as sociedades atuais é o processo de envelhecimento populacional observado em todos os continentes. O aumento do número de idosos, tanto proporcional quanto absoluto, está a impor mudanças profundas nos modos de pensar e viver a velhice na sociedade<sup>1</sup>.

A velhice é uma etapa normal no processo de vida. No entanto, quando comparamos idosos de mesma idade, será considerado sadio aquele que tiver melhor capacidade funcional e de adaptação frente às mudanças inerentes ao processo fisiológico de envelhecimento. Nesse caso, o envelhecimento saudável ocorre como resultado da interação multidimensional entre saúde física, saúde mental, independência na vida diária, integração social, suporte familiar e independência econômica<sup>2</sup>. Como mencionado, o envelhecimento ocorre de forma diferente entre as pessoas e, segundo Santos e Pavarini<sup>3</sup>, esse processo sofre grande influência das condições econômicas e sociais.

Nessa fase da vida, os idosos procuram por vários recursos para alcançar um bom nível de saúde<sup>4</sup>. O trabalho pode ser uma fonte de qualidade de vida, porque proporciona ao idoso a atividade física, intelectual e social.

Estudo realizado por Souza e Matias<sup>5</sup>, para conhecer os significados (atitudes, crenças e valores) atribuídos por um grupo de idosos sobre o processo de envelhecimento e o trabalho, evidenciaram que a ausência do trabalho pode ser substancialmente responsável pela redução da qualidade de vida e de envelhecimento. Ainda, que há necessidade de se (re) inventar diferentes estratégias para se manter algum tipo de trabalho e papel social na velhice.

Para Robazzi<sup>6</sup>, o trabalho pode ser sim um elemento importante para gerar qualidade de vida, desde que proporcione prazer ao idoso, contudo, pode se apresentar como agravante quanto às situações de trabalho são degradantes. As autoras indicam repercussões negativas do trabalho em idosos diante de condições de trabalho insalubres, tais como a movimentação de cargas pesadas e a exposição a níveis excessivos de ruídos.

Considerando que em 2007, 22,5% dos idosos brasileiros continuavam trabalhando. No entanto, na área rural, estes percentuais sobem para 46,9%<sup>7</sup>. Este alto diferencial urbano/rural no que tange a continuidade do trabalho tem como característica o tipo de ocupação exercida no campo, pois, mesmo aposentados os idosos continuam trabalhando em atividades para o consumo próprio, como cuidar da horta, criar e cuidar de pequenas plantações. O fato de o idoso continuar trabalhando significa uma participação ativa na sociedade e minimiza o isolamento e a discriminação, portanto, preocupar-se com o modo como esta atividade laboral está sendo exercida é muito importante para garantir uma vida longa e com qualidade.

Nesse cenário, se percebe que são necessárias medidas de avaliação, promoção e prevenção dos riscos ocupacionais, visando o bem-estar e melhor qualidade de vida para os idosos que continuam contribuindo para a economia do país<sup>8</sup>. Entre as ocupações laborais que os idosos exercem, como já destacado, encontra-se a agricultura, que por suas especificidades expõem os idosos a agravos à saúde.

Deste modo, estudar o processo de trabalho rural dos idosos no campo permite que os fatores de riscos sejam avaliados e que essa população seja orientada quanto à vulnerabilidade que estão expostos. Diante disso, desenvolveu-se um estudo com o objetivo de conhecer a vulnerabilidade ocupacional presente no cotidiano de trabalho de idosos, com idade superior a 70 anos, do meio rural.

## 2. Colhendo Informações

Este trabalho trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa. Segundo Minayo<sup>9</sup>, a pesquisa qualitativa tem por finalidade incorporar a questão do significado e da intencionalidade aos atos, buscando a intimidade entre sujeito e objeto, visando a subjetividade e o simbolismo. A autora ressalta que a compreensão das relações e atividades humanas com os devidos significados é verificada por meio de observações, experimentações e descoberta de leis que ordenam o meio social.

Essa pesquisa foi realizada em uma comunidade do meio rural no município de Arroio Trinta, situado no meio oeste de Santa Catarina. Esta cidade foi colonizada por italianos, sendo que hoje é caracterizada como Capital Catarinense da Cultura Italiana. Possui 3.500 habitantes, destes 1.103 (31.51%) ainda residem em meio rural. A economia da cidade está centrada na agropecuária, com destaque para a suinocultura e a fruticultura, juntamente com a produção de milho<sup>7</sup>.

Participaram desse estudo, 10 idosos do sexo masculino, com idade acima de 70 anos, ativos e responsáveis pelo trabalho agrícola em suas propriedades. A seleção dos sujeitos ocorreu por meio de indicações dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) da Unidade de Saúde local. Ressalta-se que esses ACS são pessoas que residem em uma determinada área com relações sociais e conhecimento sobre a comunidade, capazes de identificar os moradores idosos que continuam trabalhando<sup>10</sup>. De acordo com Fontanella e Ricas<sup>11</sup>, a saturação é uma ferramenta que permite estabelecer ou fechar o tamanho final de um grupo em estudo, interrompendo a captação de novas informações quando estas passam a apresentar redundância, portanto não é relevante persistir na coleta. Nesse estudo a saturação se deu na décima entrevista.

A coleta de dados deu-se por meio de entrevista e observação. A entrevista possuía um roteiro de questões abertas sobre as práticas laborais dos idosos no meio rural. Esta foi realizada no domicílio, com auxílio de gravador de áudio em data e horários pré-agendados e de acordo com a disponibilidade dos idosos. Em um segundo momento, foi realizada a observação do cotidiano de trabalho dos colaboradores. Esse momento foi registrado por meio de fotografias e diário de campo.

A análise de informações seguiu a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Minayo<sup>9</sup>, em três etapas. Primeira etapa: leitura de todo o material obtido, organização das entrevistas, bem como das imagens registradas. Segunda etapa: exploração e classificação do material, buscando encontrar as categorias para expressar, de maneira simplificada, o conteúdo dos relatos. Terceira etapa: tratamento das informações obtidas e a sua interpretação. Ressalta-se que as categorias de análise foram definidas a priori, a saber: rotina de trabalho; riscos laborais e o uso de equipamento de proteção individual (EPI).

Esta pesquisa envolvendo seres humanos levou em consideração os aspectos éticos, de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, tendo aprovação pelo parecer N° 732.842. Os idosos que participaram do estudo foram esclarecidos sobre todos os procedimentos de coleta e análise das informações. Após sua concordância, assinaram um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e um Termo de Concordância de Registros de Voz e Imagens (TCRVI).

### 3. O trabalho do Idoso no meio rural

Os idosos agricultores têm uma rotina de trabalho que inicia entre as 5h30min e 7h. Segundo eles, chegam a trabalhar, não ininterruptamente, entre 8 a 12 horas por dia.

"Eu levanto umas 05horas da manhã e vou pro chiqueiro. " (ML01).

"Levanto as 06h30, tomo chimarrão, ajudo a trata os porcos, saio de lá do chiqueiro e venho aprontar a mesa." (AZ02).

"Eu levanto da cama às05h30, todo dia, aí eu tomo café e vou pra lá lidar com os leitão." (AM09).

Desenvolvem atividades de suinocultura, bovinocultura, avicultura, extração de madeira, atividade leiteira e plantio de subsistência, pois, há necessidade de alimento para a família, bem como de insumos para a criação dos animais.

"Planto milho." (PC06).

"Plantamos melancia, cuidado da melancia." (ML01).

"Planto trigo, mandioca e arroz." (AP10).

"A rotina nossa lá agora é mais leite e milho" (DL05).

Os idosos trabalham com o corte de madeira de forma tradicional, utilizando o machado. Dois deles apropriaram-se de serras de mesa e motosserras para aperfeiçoar esse serviço.

"Pico lenha"(AP10).

"Aí quando precisa, eu corto a grama, racho lenha, cuido assim lá fora." (AZ02).

"Agora eu roço o potreiro e em roda de casa... Pico lenha, faço farelo, trato as vacas e os terneiros." (IF04)

Além da identificação nas entrevistas da sobrecarga de trabalho, observou-se que os idosos trabalhadores do meio rural estão expostos a diversos riscos laborais. A seguir os fatores de exposição segundo a percepção desses idosos:

"O que me mata é o pó. E o chiqueiro sempre tem pó." (AZ02)

"Passo veneno. Eu passo 'Rondap' [herbicidas] no meio do milho." (VF08)

"São dois, três tipos de tratamento, uso vários tipos de agrotóxicos. No momento a gente ocupa pouca proteção. Só que os tratamento de parreira não são muito tóxico como os herbicida, na verdade." (AB03)

"Ah sabe, tem que se cuidar. De vez em quando eu tombo aqui (risos). É porque 'véio' tropica, né?" (IF04)

"Eu tava roçando a estrada lá em cima e tinha uma cipoeira, então engatei a foice assim e não teve jeito (...). Aí me fui [caiu]. Mas nem precisou ir no hospital. Até hoje ainda me dói, não posso fazer muita força." (ML01)

Os idosos foram questionados a respeito do uso de equipamento de proteção individual (EPI), mas de acordo com os relatos os EPIs são pouco utilizados:

"Tinha aquele macacão antigamente quando passa veneno lá na lavoura e no pomar. Mas agora não, agora a gente vai assim como tá." (DL05)

"Não tem o que se cuida, porque é assim, como to dizendo, a gente não tem tanto problema de saúde." (PC06)

"A gente entra lá e cuida né. Uso máscara e às vezes luvas." (AM09).

"Não uso macacão, não uso nada. Só bota." (PF07)

Além das entrevistas, foram realizadas observações dos seus ambientes de trabalho no meio rural, registradas por meio de fotografias. Nessas fotografias é possível observar os diversos fatores de risco em que a população do campo se expõe. Seguem algumas imagens e na sequência um quadro com os riscos ocupacionais identificados por meios das fotografias, classificados segundo a Norma Regulamentadora (NR) brasileira, a saber: físicos, químicos, biológicos, ergonômicos e de acidentes.

## 4. Retratando o trabalho do Idoso

### 4.1 Trabalho com a madeira/lenha

**Figura 1-** Registros fotográficos da pesquisadora do trabalho de Idosos no manejo com madeira, 2016.



#### 4.2 Trabalho de roçar, capinar

**Figura 2-** Registro fotográfico da pesquisadora do Idosos no trabalho de roçar e capinar a terra, 2016.



#### 4.3 O trabalho com animais

**Figura 3-** Registros fotográficos da pesquisadora do trabalho de Idosos no manejo com animais de abate, 2016.



#### 4.4 Trabalho com grãos

**Figura 4-** Registros fotográficos da pesquisadora do trabalho de Idosos no processo de separação e armazenamento de grãos, 2016.



#### 4.5 As máquinas

**Figura 5-** Registros fotográficos da pesquisadora do maquinário utilizado pelos Idosos no trabalho agrícola, 2016.



#### 4.6 O Trajeto

**Figura 6-** Registros fotográficos da pesquisadora do trajeto acidentado e perigoso que o Idoso percorre no seu cotidiano de trabalho rural, 2016.



#### 4.7 Manuseio de materiais químicos e eletricos

**Figura 7-** Registros fotográficos da pesquisadora dos riscos ocupacionais, como produtos químicos e fiações eletricas, presentes no universo de trabalho rural de Idosos, 2016.



**QUADRO 1**-Apresentação dos riscos ocupacionais observados nas práticas laborais de idosos trabalhadores rurais, Arroio Trinta- SC, 2016

<b>Físicos</b>	Exposição excessiva a radiação solar Altas temperaturas Vibrações Ruídos. Poeiras Umidade
<b>Biológicos</b>	Contato com insetos, parasitas, fungos, bactérias, vírus entre outros microorganismos nocivos Contato com secreções (fezes, urina, sangue, saliva) dos animais.
<b>Ergonômicos</b>	Postura inadequadas Esforço físico excessivo Movimentos repetitivos Jornada prolongada de trabalho
<b>Acidentes</b>	Ferimento com ferras de madeira Contusão, torções, esmagamentos e fraturas Cortes e perfurações Choque elétrico Queimaduras Quedas Mordida dos animais e picadas de animais peçonhentos Intoxicações Atropelamentos
<b>Químicos</b>	Gases oriundos das fezes dos animais Gases oriundos das queimadas Poeiras tóxicas Manuseio de produtos tóxicos (agrotóxicos e medicamentos)

## 5. Vulnerabilidade do idoso trabalhador rural

Nos últimos anos os índices de ocupação rural vêm decaindo significativamente, contrariando as expectativas de programas que estimulam a agricultura familiar. A redução da população rural,

principalmente de jovens, está relacionada com as oportunidades de emprego e salários mais elevados no meio urbano'. Mas o que mais contribui para essa situação é que, com o passar do tempo, a população jovem desinteressa-se pelo emprego rural, devido à falta de motivação e despreparo, sendo assim, esse meio deixa de ser opção de emprego<sup>12</sup>. Diante disso, outros membros da família, que normalmente são os pais, continuam nesse meio, tendo em vista o cuidado com os bens da família. No entanto, no município estudado, 31.51% da população ainda reside nesse meio e muitas vezes são os idosos a permanecer, em função do vínculo com o ambiente e história de vida vivenciada nesse local<sup>13</sup>.

O meio rural ainda atrai pessoas com idade avançada, isso pela disposição de recursos e, muitas vezes, condições de aproveitar a "terceira idade". Contudo é possível avaliar que o êxodo rural dos jovens também influenciou na permanência dos idosos nesse local, que argumentam não querer deixar parte da sua vida lá, isso porque grande parte dessa população viveu toda a sua vida no ambiente rural e esses laços afetivos são fator primordial nesse processo<sup>14</sup>. O apego a terra, as questões culturais e a identificação com as atividades agrícolas são elementos que explicam a permanência dos idosos trabalhadores atuando no meio rural, mesmo havendo prejuízo, ou seja, quando a rentabilidade é muito baixa<sup>15</sup> e estando expostos à riscos ocupacionais.

Nesse estudo, por meio das entrevistas, observou-se que os idosos trabalhadores do meio rural são vulneráveis à acidentes e agravos à saúde por estarem expostos a diversos riscos, como ruídos, calor, umidade, vibrações, entre outros, que conforme a intensidade e grau de exposição se tornam agravantes da saúde do trabalhador. No meio rural estes agentes físicos estão intimamente relacionados com o uso de máquinas agrícolas, bem como com a exposição ao sol, frio, chuva e umidade.

Os agentes físicos são as diversas formas de energia a que os trabalhadores se expõe, na maioria dos casos gerados por máquinas utilizadas em seu trabalho, tais como tratores, trolete, serradeiras, entre outros. Vale ressaltar que diversas são as consequências da exposição aos agentes físicos, sendo que alguns dos idosos entrevistados relataram distúrbios respiratórios, que podem ser ocasionados pelo trabalho em locais fechados, com pouca ventilação e que apresentem poeira devido ao trato dos animais com ração e farelo.

Também há exposição as poeiras orgânicas e inorgânicas, de sílicas e silicatos encontrados na terra (preparo, cultivo e colheita), dos alimentos dos animais e também dos animais (pelo, descamação da pele). Todas as atividades relacionadas com o preparo e armazenamento de grãos constituem risco porque liberam partículas provenientes do processo de preparo com adubos e fertilizantes<sup>16</sup>.

Os idosos também se encontram expostos aos riscos químicos, tendo em vista que todos utilizam agrotóxicos em algum período do plantio. Os agrotóxicos possuem alto poder de toxicidade – capacidade de causar danos no organismo vivo. O risco de intoxicação depende de múltiplos fatores, sendo eles: toxicidade da substância ativa; condições ambientais; via de entrada no organismo; e manipulação dos produtos<sup>17</sup>.

Os agrotóxicos são apresentados em substâncias na forma gasosa, líquida ou sólida, com características de produzir efeitos tóxicos no organismo através de sua absorção por via respiratória, pela pele ou até mesmo pela ingestão. Normalmente esses efeitos são ocasionados devido à natureza da atividade de exposição a que o trabalhador se submete. Sobre essa questão, Michel<sup>16</sup> menciona que "os agravos resultantes da falta de cuidado no manuseio destes compostos químicos estão relacionados com a diferenciação celular, que é o principal desencadeador de câncer nos seres humanos".

Durante o processo de trabalho, os idosos se expõem também aos riscos biológicos, como bactérias, fungos, vírus, entre outros. Essa exposição ocorre quando os mesmos realizam a higienização do ambiente ou durante o trato dos animais, que podem estar infectados e transmitir algum agente infeccioso através da saliva, excreção e em alguns casos até mesmo pela mordida do animal.

Na agricultura os riscos biológicos se encontram presentes em tarefas em que há contato direto ou indireto com organismos vivos, principalmente na criação de animais e cultivo. Nesse sentido são considerados os fungos, bacilos, parasitas, protozoários, vírus, as bactérias, entre outros<sup>17</sup>.

No momento em que o agricultor entra em contato, esses organismos são capazes de desencadear doenças através do mecanismo de contaminação<sup>18</sup>. A exposição pode ocorrer através do manuseio de vários produtos, dentre eles: materiais orgânicos ou naturais; substâncias de origem animal; poeiras e resíduos orgânicos; fertilizantes; sangue e outros fluidos corporais<sup>16</sup>.

Quanto aos riscos ergonômicos, estes estão intimamente ligados à postura que os idosos trabalhadores utilizam durante o processo laboral. Estes indivíduos já possuem déficit corporal relacionado ao envelhecimento, sendo que quando a postura inadequada é somada ao maior esforço pode haver complicações significativas na saúde desse grupo populacional.

Estudo de Rempel e Haetinger<sup>19</sup> com 23 idosos de um pequeno município do Rio Grande do Sul, cujos relatos de atividades profissionais na zona rural concentravam-se constantemente em atividades braçais como força produtiva, evidenciou que grande parte dos idosos entrevistados relataram dores na coluna durante a fase produtiva o que diminuiu sua capacidade laboral e que também estão expostos a fatores ocupacionais que prejudicam sua saúde postural.

Os riscos ergonômicos são ações contrárias às técnicas de ergonomia em que o ambiente de trabalho deve ser adaptado ao homem para que proporcione bem-estar físico e psicológico, sendo que esses agravos estão ligados aos fatores externos e internos que se baseiam na conduta do trabalhador, bem como no ambiente em que trabalha<sup>20</sup>.

Baseado nisso, Michel<sup>16</sup> chama a atenção para as principais situações que demandam atenção nesse sentido, que são a realização de tarefas em posição inclinada, torcendo o tronco ou com a postura corporal muito estática; o transportar pesos excessivos e com posturas incorretas; trabalhar com os braços acima da altura dos ombros; ajoelhar-se com frequência; movimentar as mãos e pulsos repetidamente; e agarrar objetos com força excessiva.

Nesse sentido, estas tarefas apresentam riscos associados ao desrespeito dos princípios ergonômicos e devem ser observadas, visando a adoção de medidas com o objetivo de eliminar ou evitar agravos. Pode-se dizer que há presença dessa classe de risco quando o ambiente de trabalho e o ser humano se encontram em disfunção<sup>17</sup> como foi identificado nas práticas laborais dos idosos no meio rural.

O local de trabalho desses idosos também apresenta diversos fatores de risco para acidentes. Segundo a NR 9, os riscos de acidentes estão presentes no meio rural tendo em vista as condições físicas do ambiente e também do processo de trabalho, que quando impróprias causam lesões à integridade do trabalhador. Dessa maneira, os acidentes envolvendo agricultores estão intimamente relacionados com as máquinas agrícolas, pois as pessoas expõem-se à situações, onde há pontos de alto risco, como enrolamento, arrastamento, esmagamento, cisalhamento, corte e zonas de projeção que ameaçam o trabalhador no meio rural<sup>16</sup>.

É importante ressaltar que outro risco de acidente muito presente nessa faixa etária (Idoso) é o de quedas. De acordo com Monteiro e Bertagni<sup>17</sup> estas ocorrem em situações de: utilização das máquinas agrícolas, escadas e acesso ao telhado ou zonas elevadas de edifícios, tropeções e escorregadelas pelo desnivelamento do piso, desarrumação de objetos, solo escorregadio e instável.

Estudo de Ferretti e Lunardi<sup>21</sup> com 389 idosos concluíram que os idosos caem em média de 1,6 ( $\pm 0,97$ ) vezes ao ano, e, desta população, 29,05% sofrem fraturas, evento que causa grande prejuízo a saúde do idoso, pela limitação e riscos. Ainda, destacam que ocorrência de quedas está associada aos afazeres, visto que a pesquisa evidenciou que as mulheres sofreram maior número de quedas na cozinha, lugar em que elas permanecem mais tempo que os homens, e estes no jardim e entorno, lócus de suas tarefas e trabalho cotidiano. Nesse aspecto, o trabalho associa-se a risco de acidente e quedas.

Outro fator de acidentes são as tarefas perigosas que podem ocasionar incêndios que se originam de diversas situações, como componentes e máquinas elétricas, substâncias inflamáveis e descuidos decorrentes da utilização do fogo<sup>16</sup>.

Dentro do contexto envolvendo o elevado índice de manuseio de ferramentas entre os idosos<sup>22</sup>, argumentam que a utilização da mecanização no meio rural é uma realidade pouco desenvolvida e as práticas utilizadas na produção são rudimentares, favorecendo o aparecimento de doenças e também acidentes. O uso de ferramentas como o machado para o corte de lenha se torna cada vez mais evidente, pois permanece nas atividades do pequeno agricultor. Outro fator de grande importância, destacada pelos autores, é que os idosos que

trabalham no meio rural não tem o devido cuidado no manuseio dessas ferramentas e máquinas de corte, sendo necessárias ações de orientação, prevenindo futuros acidentes de trabalho.

Pode-se perceber que os agricultores entrevistados não têm um contato significativo com esse processo de mecanização, evidenciado pelo fato de que não se apropriam do uso de maquinário inovador. Algumas propriedades adquiriram as máquinas mais modernas, mas não é o idoso quem as utiliza, cabendo a outro familiar, normalmente aos filhos, essa responsabilidade.

No caso dos pequenos agricultores, nota-se que a agricultura praticada apresenta um baixo nível de inovação tecnológica. Os mesmos reconhecem os benefícios das práticas agrícolas modernas, porém não as utilizam devido aos fatores socioeconômicos e ambientais (tamanho da terra, renda familiar) que não favorecem a utilização dessas técnicas pelos trabalhadores do meio rural<sup>22</sup>.

Nesse sentido, Monteiro e Bertagni<sup>17</sup> mencionam que na utilização de máquinas agrícolas os principais riscos são de reviramento e empinamento, sendo que os acidentes ocorrem principalmente por causa de falhas humanas que estão relacionadas à fadiga, desconhecimento e excesso de confiança.

Além dos agravos resultantes da mecanização no processo de trabalho, há também a exposição aos ruídos e vibrações que estão constantes no dia a dia do trabalhador rural, que quando atingem níveis elevados tornam-se perigosos para a saúde dos idosos. As principais atividades que geram ruídos são a condução de tratores, utilização de motosserras, secagem mecanizada de cereais, pulverizadores, suinocultura, bovinocultura - bombas de ordenha<sup>16</sup>.

Como agravamento das situações de vulnerabilidades presentes no ambiente de trabalho do idoso no meio rural é a não utilização de Equipamentos de Proteção Individual – EPI's durante as atividades laborais. Sobre essa questão, Silva e colaboradores<sup>23</sup> ressaltam que "os equipamentos na maioria das vezes não são aceitos pelos trabalhadores", pois causam desconforto durante a realização das atividades laborais, tais como calor excessivo, sufocamento, umidade, entre outros. Portanto, não basta apenas oferecer proteção, é necessário que seja apropriado e confortável para que o agricultor o utilize.

Durante a observação, identificou-se que os idosos quando utilizam esses dispositivos, além de fazê-lo de forma incorreta, não se apropriam de todos os que são necessários para a realização de determinada atividade, como por exemplo: utilizam luvas e bota, mas negligenciam o uso de máscaras. Os idosos agricultores utilizam os EPI's de forma fragmentada, ou seja, usam algum tipo de dispositivo, mas não todo o conjunto que seria ideal para a proteção completa. Na maioria das vezes o principal argumento é a sensação de desconforto, que acaba interferindo nas atividades laborais do dia a dia. Nesse sentido, a preocupação maior ainda é com o trabalho, sendo a saúde em segundo plano<sup>24</sup>.

Ao final desse estudo, após a coleta dos depoimentos dos idosos sobre o seu dia a dia de trabalho e as observações realizadas em seus ambientes laborais, constatou-se que esses trabalhadores estão em situação de vulnerabilidade.

Nesse aspecto, o trabalho insalubre, a sobrecarga de trabalho, os princípios de ergonomia que não são respeitados, o esforço físico, os riscos ambientais e a realização de atividades que aumentam a periculosidade, faz com que esses idosos encontrem-se em vulnerabilidade individual, social e programática<sup>25</sup>.

Segundo Ayres e colaboradores, a vulnerabilidade individual – refere-se às condições de ordem cognitiva, comportamental e social, na qual o conhecimento e a consciência do problema não garantem uma mudança de atitude, é necessário interesse e habilidade para transformar o comportamento, sendo que quanto mais amparo social maior é a sua proteção. Já a vulnerabilidade social – diz respeito ao acesso à informação e aos serviços de saúde, às despesas com serviços sociais e de saúde, às condições gerais de bem-estar social e à relação entre custos com a educação e assistência; e a vulnerabilidade programática - que considera, além do acesso aos serviços de saúde, o vínculo entre usuários e profissionais da saúde, as ações voltadas para prevenção e controle dos agravos, como também os recursos sociais na área de atuação dos serviços de saúde<sup>25</sup>.

Vale ressaltar que, em alguns casos, o idoso já se encontra fragilizado pelas consequências do processo de envelhecimento orgânico, e quando a condição de trabalho é insalubre, a saúde do idoso pode ser afetada, tornando-o mais vulnerável ao adoecimento.

Diante dessa situação, deve-se atentar para o fato de que o comportamento da pessoa idosa também o torna vulnerável, pois pouco consideram os riscos laborais e não usam EPI. Também foi possível perceber que o conhecimento que os idosos têm sobre o uso desses equipamentos, bem como maneiras para cuidar melhor da sua saúde, é deficiente. Sendo assim, é importante frisar que ações de cunho educativo e preventivo para esse público são de extrema importância.

Dentro desse contexto, é válido destacar que a Política Nacional de Saúde do Trabalhador não cita situação de proteção e cuidados específicos para o trabalhador idoso. Outrossim, o Ministério do Trabalho também não abrange questões referentes ao trabalhador rural idoso, fazendo com que estes estejam sem amparo legal, o que os tornam socialmente vulneráveis.

Destaca-se que o conceito de vulnerabilidade se refere à chance de exposição das pessoas e ao adoecimento, sendo que isso não é resultante apenas de aspectos individuais, mas também coletivos, contextuais, que acarretam maior susceptibilidade ao adoecimento e maior ou menor disponibilidade de recursos de todas as ordens relativas à proteção<sup>25</sup>.

Reconhece-se que o envelhecimento é um processo contínuo de alterações biológicas, psicológicas e sociais, o que pode tornar o indivíduo mais vulnerável. Tais vulnerabilidades são afetadas pelas capacidades básicas (com as quais o indivíduo nasceu), capacidades adquiridas ao longo da vida e pelo contexto social em que estão envolvidos<sup>26</sup>.

Outrossim, é inerente ao envelhecimento humano a expansão de vulnerabilidades biológica, socioeconômica e psicossocial, sendo que em maior ou menor grau, aspectos individuais, coletivos, contextuais e históricos de envelhecimento, geram possibilidades de adoecimento e dificuldades de acesso aos recursos de proteção disponíveis na sociedade, em virtude das condições do estilo de vida de cada idoso<sup>27</sup>. Neste aspecto, chama a atenção a condição do idoso que trabalha no meio rural, visto que este parece estar desassistido de programas de proteção. Portanto, é imperativo estudos sobre condições individuais, econômicas e sociais de vulnerabilidade da população idosa, para (re)pensar e avaliar as políticas de saúde e o planejamento de ações de atenção à essa população<sup>27</sup>.

## 6. Palavras finais

No Brasil, a participação do idoso está presente no mercado de trabalho, quer seja pela renda extra necessária para uma boa condição de vida, quer pela importância do papel social atribuído ao trabalho e manter ativo nessa fase da vida.

O trabalho para os idosos rurais está representado pela continuidade do seu papel na família, pela renda extra, além da aposentadoria, e por um status de manter ativo, com vigor e força para o trabalho braçal. Também cumpre um papel de sociabilidade, visto que, essa população, em sua maioria, sente prazer em realizar as atividades cotidianas, um exemplo disso foi o relato de um dos idosos, que diz se *"sentir muito bem, e útil, fazendo tranças para chapéus"*.

Contudo, nessa pesquisa constatou-se que os idosos trabalhadores rurais têm um cotidiano exaustivo de trabalho e estão expostos a diversos fatores de risco ocupacionais, tendo sua condição laboral agravada pelo não uso de EPIs e pelas debilidades físicas inerentes a condição do envelhecimento humano. Além desses aspectos, que colocam os idosos em situação de vulnerabilidade individual, esses estão expostos a vulnerabilidade social na medida que têm pouco acesso aos serviços de saúde e de outros recursos sociais presentes na comunidade urbana. Igualmente, estão em vulnerabilidade programática, uma vez que não há políticas e ações públicas direcionadas ao idoso trabalhador rural.

Por fim, este estudo possibilitou aos pesquisadores um olhar mais minucioso e ampliado para a população do meio rural, em especial o idoso que continua trabalhando. Evidencia-se que as ações voltadas ao envelhecimento humano e ao trabalhador rural, devem ser desenvolvidas de forma interdisciplinar/intersetorial, visando a prevenção de doenças e promoção da saúde, bem como, proporcionando um "envelhecer saudável" para essa população.

Outros estudos se fazem necessários, principalmente, considerando as atividades/rotinas de trabalho cotidianas, sua função no dia a dia e a associação com o gênero, assim os programas preventivos poderão atentar para as especificidades dessas questões.

## 6. Referências Bibliográficas

1. Brasil, Ministério da Saúde. Política Nacional do Idoso: lei nº 8.842 de janeiro de 1994. 1 ed. Brasília: 2010.
2. Beresin, Ruth, Paula, Maria de Fátima Corrêa. Psicologia do desenvolvimento: o idoso. In: Farah, Olga Guilhermina Dias; Sá, Ana Cristina de. (Org.). Psicologia Aplicada à Enfermagem. Barueri, SP: Manole, 2008. p. 94-109.
3. Santos, Ariene Angelini Dos, Pavarini, Sofia Cristina Lost, Brito, Tábatta Renata Pereira de. Perfil dos idosos com alterações cognitivas em diferentes contextos de vulnerabilidade social. Esc. Anna Nery [online], v. 14, n. 3, 2010. p. 496-503.
4. Barra, Daniela Couto Carvalho; et al. Processo de viver humano e a enfermagem sob a perspectiva da vulnerabilidade. Acta paul. enferm. [online], v. 23, n. 6, 2010. p. 831-36.
5. Souza, Rosangela Ferreira de, Matias, Hernani Aparecido, Bretas, Ana Cristina Passarella. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. Ciênc. saúde coletiva [online], v.15, n.6, 2010. p. 2835-43.
6. Robazzi, Maria Lúcia do Carmo Cruz et al. Acidentes e agravos à saúde dos idosos nos ambientes de trabalho. Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2009. p. 309-14.
7. Ibge. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/sintese\\_indic/indic\\_sociais.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/sintese_indic/indic_sociais.pdf). Acesso em: 20.03.2016.
8. Sampaio, Rosana F, Augusto, Viviane G. Envelhecimento e trabalho: um desafio para a agenda da reabilitação. Rev. bras. fisioter. [online], v.16, n. 2, 2012. p. 94-101.
9. Minayo, Maria Cecília de Souza. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2013. p. 269.
10. Renosto, Alexandra, Trindade, Jorge Luiz de Andrade. A utilização de informantes-chave da comunidade na identificação de pessoas portadoras de alterações cinético-funcionais da cidade de Caxias do Sul, RS. Ciênc. saúde coletiva [online], v.12, n. 3, 2007. p. 709-16.
11. Fontanella, Bruno José Barcellos, Ricas, Janete, Turato, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. Cad. Saúde Pública [online], v. 24, n.1, 2008. p. 17-27.
12. Alves, Eliseu, Marra, Renner. A Persistente Migração Rural-Urbana. Revista de Política Agrícola [online], v. 4. 5-17 p. out./dez. 2009.
13. Lopez, Mariana, Felipe, Maíra Longhinotti, Kuhnen, Ariane. Lugares favoritos no envelhecimento: Explorando estudos e conceitos. Psicol. Argum., v. 30, n. 71, out./dez. 2012. p. 639-649.
14. Wanderley, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. Estudos Sociedade e Agricultura, v. 15, 2013. p. 87-145.
15. Ozelame, Odimar, Andreatta, Tanice. A produção de cereais em uma propriedade no município de Chapecó – SC. Ciência Rural, Santa Maria, v. 43, n. 2, fev. 2013. p. 212-18.
16. Michel, Osvaldo. Saúde do Trabalhador: cenário e perspectiva numa conjuntura privativa. São Paulo: LTr, 2009.

17. Monteiro, Antonio Lopes, Bertagni, Roberto Fleury de Souza. Acidentes do trabalho e doenças ocupacionais: conceito, processos de conhecimento e de execução e suas questões polêmicas. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2012. p. 478.
18. Brasil. Secretaria de Segurança e Saúde no Trabalho. Norma Regulamentadora Brasileira Nº 9: Programa De Prevenção De Riscos Ambientais. Brasília, 2014.
19. Rempel, Claudete, Haetinger, Claus, Sehnem, Eduardo. Reflexões de idosos sobre as relações entre o trabalho rural, problemas de coluna e postura corporal. *Estud. Soc. e Agric.*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, 2013. p. 289-307.
20. Brasil, Ministério do Trabalho. Norma Regulamentadora Brasileira Nº 6: Equipamento de Proteção Individual – EPI. Brasília, 2014.
21. Ferretti, Fatima, Lunardi, Diany, Bruschi, Larissa. Causas e consequências de quedas de idosos em domicílio. *Fisioter. mov.* [online], v. 26, n.4, 2013. p. 753-762.
22. Vasconcelos, Kelly Samá Lopes de, Silva, Tiago José Jesus da, Melo, Sonia Rebouças da Silva. Mecanização da Agricultura: demanda por tratores de rodas e máquinas agrícolas nos estados da região nordeste. *Revista em Agronegócio e Meio Ambiente*, Pernambuco, v. 6, n. 2. mai./ago. 2013. p. 207-222.
23. Silva, Jober Buss; et al. Fumicultores da zona rural de Pelotas (RS), no Brasil: exposição ocupacional e a utilização de equipamentos de proteção individual (EPI). *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 97, abr./jun. 2013. p. 347-353.
24. Nunes, Gezziano Córdova. Uso do Epi – Equipamentos de Proteção Individual nas pequenas propriedades rurais produtoras de fumo no município de Jacinto Machado – SC. Criciúma: 2010. p. 59.
25. Ayres, José Ricardo de Mesquita; et. al. Risco, Vulnerabilidade e Práticas de Prevenção e Promoção da Saúde. In: Campos, Gastão Wagner de Souza (Org.). *Tratado de Saúde Coletiva*. 2. ed. São Paulo: Hucitec; 2012. p. 871.
26. Camarano, Ana Amélia. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. IPEA [online], Rio de Janeiro, 2002. p. 26.
27. Rodrigues Natália Oliveira, Neri Anita Liberalesso. Vulnerabilidade social, individual e programática em idosos da comunidade: dados do estudo FIBRA, Campinas, SP, Brasil. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 8, Aug. 2012. p. 2129-2139.

---

Artigo Recebido: 14.06.2016

Aprovado para publicação: 18.09.2016

**Lucimare Ferraz**

Universidade Comunitária da Região de Chapecó-Unochapecó

Av. Senador Attílio Fontana, 591-E- Efapi

CEP: 89809-000- Chapecó, SC - Brasil

Telefone: (49) 3321-8000

Email: lferraz@unochapeco.edu.br

---